

UM OLHAR AFETIVO PARA CRIANÇAS NEGRAS: Entre Cartografias Afetivas e análises imagéticas de livros na educação infantil

AN AFFECTIONATE LOOK AT BLACK CHILDREN: Between Affective Cartographies and imagistic analysis of books in early childhood education

Meiriane Campos da Rocha

Licenciada em Artes Visuais – UFES

Universidade Federal do Espírito Santo

E-mail: 22meiriane@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-2782-6685>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9618574865324718>

Margarete Sacht Góes

Professora do Departamento de Educação – PPGE-UFES

Universidade Federal do Espírito Santo

E-mail: margarete.goes@ufes.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7146-6022>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5504378088842871>

Resumo:

Este trabalho trata da observação afetiva do cabelo de crianças negras, durante um período de Estágio Curricular Supervisionado na Educação Infantil, no curso de licenciatura em Artes Visuais, na Universidade Federal do Espírito Santo. Fundamenta-se metodologicamente na observação participante em uma turma de crianças de quatro anos de idade, em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), a partir do documento “Cartografia Afetiva” (Góes, 2024), e que se constitui por meio de diversas fotografias infantis. Objetiva traçar um paralelo entre as infâncias atuais e as passadas. Compara a diferença na representação de crianças negras nos livros infantis entre a década de 2000 e a atual, baseando-se em “Menina Bonita do laço de fita” (Machado, 2011), “Tóim” (Lima, 2022) e “Neguinha, sim!” (Gama, 2023). Considera que a Cartografia Afetiva é produzida na intenção de ser um manifesto ao presente-futuro, em um pedido para que as violências raciais do passado (hooks, 2023; 2024) não façam mais território nas preciosas infâncias do presente-futuro.

Palavras-chave: Educação infantil. Cartografia Afetiva. Cabelo crespos. Ensino decolonial. Livros infantis.

Abstract:

This work deals with the affective observation of the hair of Black children during a period of Supervised Curricular Internship in Early Childhood Education, in the Visual Arts undergraduate course at Federal University of Espírito Santo. It is methodologically based on participant observation in a class of four-year-old children in a Municipal Early Childhood Education Center (CMEI), from the document 'Affective Cartography' (Góes, 2024), and is constituted through various children's photographs. It aims to draw a parallel between current and past childhoods. It compares the difference in the representation of Black children



in children's books between the 2000s and the present, based on “Menina Bonita do laço de fita” (Machado, 2011), “Tóim” (Lima, 2022), and “Neguinha, sim!” (Gama, 2023). It considers that Affective Cartography is produced with the intention of being a manifesto for the present-future, in a plea that the racial violence of the past (hooks, 2023; 2024) no longer take root in precious childhoods. It is considered that Affective Cartography is produced with the intention of being a manifesto for the present-future, as a plea for the racial violences of the past (hooks, 2023) not to claim territory in the precious childhoods of the present-future.

Keywords: Early childhood education. Affective cartography. Curly hair. Decolonial education. Children's books.

1 Introdução

Este trabalho relata uma experiência de estágio, vivenciada durante a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado do Ensino da Arte na Educação Infantil. A disciplina foi ministrada pela Profa Dra Margarete Sacht Góes, durante o semestre 2024/1, que compreendeu os meses de outubro de 2024 a fevereiro de 2025. O estágio foi realizado por mim, Meiriane Campos da Rocha, no CMEI A¹, localizado no município de Vitória/ES.

As atividades do estágio se davam por acompanhar a professora de Arte em suas respectivas atividades nas turmas, que compreendiam crianças entre 4 e 6 anos de idade. Como atividade avaliativa da disciplina e resultado da experiência de estágio, surge a Cartografia Afetiva, um material de formato artístico livre, desenvolvido pela/o estudante, a fim de descrever as nuances, sensações e observações pertinentes da experiência do estágio na Educação Infantil.

A cartografia tem sido desenvolvida por pesquisadoras/es com o objetivo de mapear os territórios, os espaços e os encontros que neles acontecem para compreender as dinâmicas sociais, artísticas, culturais, geográficas e afetivas. Nesse contexto, ela possibilita potencializar as subjetividades e as identidades das/os estudantes, pois, como metodologia, ela se fundamenta na representação artística da realidade em processo, no movimento e na mudança, mapeando as transformações histórico-culturais e sociais (Góes, 2024, p. 353).

¹ Por uma questão ética, utilizaremos a letra “A” para referendar a escola.

Assim, desenvolvi uma cartografia em formato de livreto, composto com um misto de colagens manuais de fotografias das crianças do CMEI e algumas fotografias antigas de meu acervo pessoal, enquanto criança nos anos 2000, além de diversos desenhos e escritos poéticos. Com a junção desses elementos, essa Cartografia Afetiva é composta pela observação de um paralelo entre infâncias passadas e atuais, analisando-as hoje pelos meus olhos adultos, mas de que um dia pertenceram a uma criança negra.

Seguindo a mesma linha comparativa das fotografias na Cartografia Afetiva, continuo a análise do paralelo entre aspectos raciais de infâncias das décadas citadas, desta vez, analisando a representação de crianças negras em histórias infantis. Enquanto criança nos anos 2000, fui atravessada pelo livro “Menina bonita do laço de fita” (Machado, 2011), devido a sua popularização na época. Já em 2025, enquanto adulta e no papel de Arte/Educadora, fui atravessada por livros como “Tóim” (Lima, 2022) e “Neguinha, sim!” (Gama, 2023).

2 Cartografias Afetivas como paralelo entre infâncias do passado-presente

Durante o período de estágio, observei várias crianças negras nas turmas, sempre muito zeladas, cuidadas e aprumadas por suas famílias. Entretanto, algo a mais me chamava atenção: seus cabelos naturais! Em comparação com a infância das gerações passadas, as crianças negras de hoje têm seus cabelos naturais mais cuidados e respeitados em suas curvaturas originais, sem alteração por agressivos processos químicos.

Nas décadas passadas, era muito comum, quase socialmente obrigatório, o alisamento ou o tratamento químico que mudava a curvatura do cabelo crespo/cacheado das crianças. Tive meu cabelo modificado quimicamente desde meus 5 anos de idade (Imagens 01 a 04), sem a oportunidade de conhecer a curvatura real dele até que eu escolhesse, anos mais tarde, não o modificar mais.

Os familiares que modificam o cabelo de suas crianças fazem, geralmente, num tom de cuidado, na tentativa de poupar essa criança de possíveis agressões raciais que ela poderia vir a sofrer se mantivesse o cabelo natural. Entretanto, esse zelo esconde micro agressões à identidade racial dessa criança. Manter a criança com seus cabelos naturais, bem cuidados e de livre expressão, é uma forma de preservar e incentivar a sua identidade em formação.

Imagens 01 e 02. Cartografia Afetiva. Na esquerda, uma fotografia antiga minha, com vários enfeites no cabelo. Na direita, meninas do CMEI com seus cabelos muito enfeitados.



Fonte: da autora.

Imagens 03 e 04. Cartografia Afetiva. Em ambas as fotografias, me encontro criança, com o cabelo já modificado quimicamente.

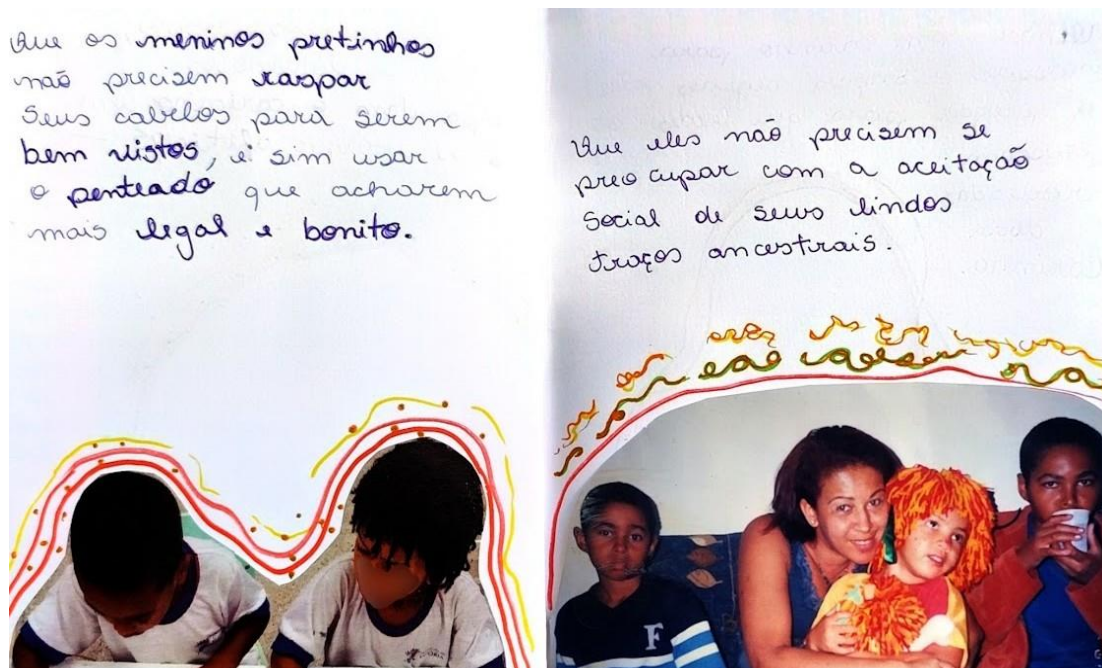


Fonte: da autora.

Para os meninos negros, a violência racial é evidenciada quando eles são obrigados ou incentivados a usar seus cabelos raspados, numa forma de silenciamento racial. Os cabelos não podem ser nem mesmo curtos, como dos garotos brancos.

Nessa experiência de estágio, observei vários meninos negros com seus cabelos aparentes e bem cuidados, nem todos tinham o cabelo raspado. Na minha infância (Imagem 05), eu via meus primos sempre de cabelos raspados, hoje, vejo outros garotos com seus crespos e cachos aparentes (Imagem 06). Compreendo que isso é uma forma de fazer as pazes com seus fenótipos.

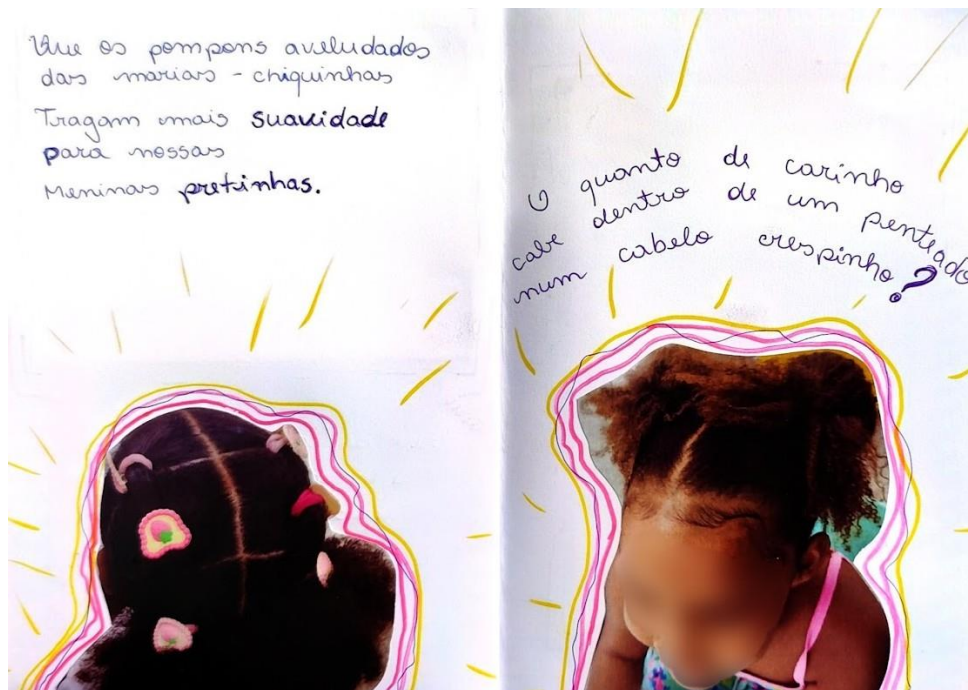
Imagens 05 e 06. Cartografia Afetiva. Na esquerda, dois meninos no CMEI, um deles com cabelos crespos longos. Na direita, eu no colo de minha tia (cabelo alisado) e meus primos (cabelos raspados).



Fonte: da autora.

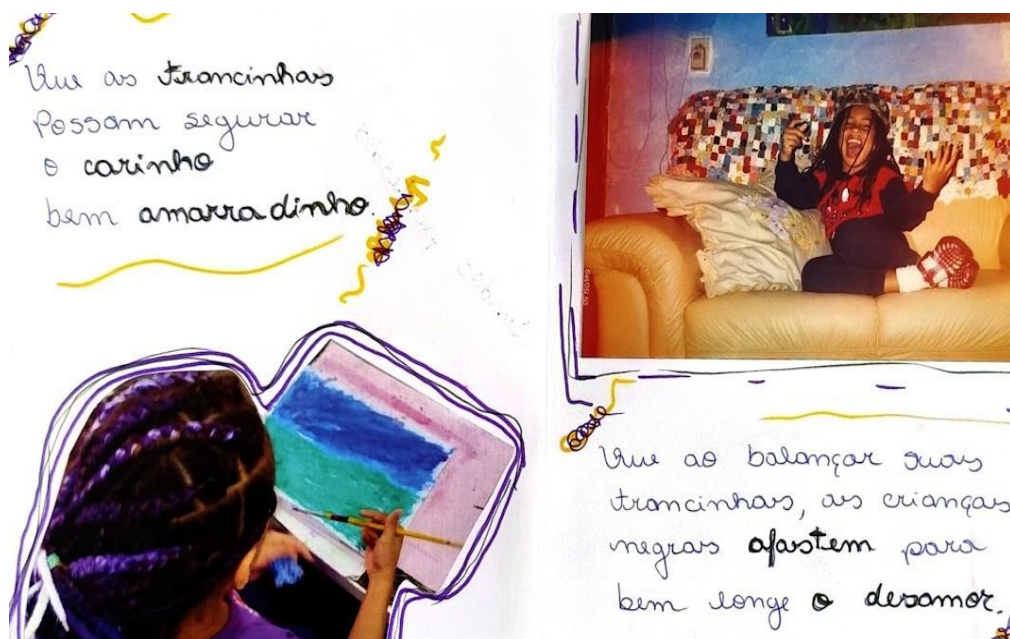
Durante o estágio, me deparei positivamente com cabelos bem cuidados, crianças conscientes de sua identidade racial e felizes com seus traços (Imagens 07 a 10). Isso me fez refletir o quanto ainda há esperança para que essas crianças cresçam felizes com os seus fenótipos, sem que seja necessário um processo reverso de autoaceitação, ou seja, ter a autoestima destruída para depois construí-la.

Imagens 07 e 08. Cartografia Afetiva. Em ambas as fotografias, crianças do CMEI e seus penteados.



Fonte: da autora.

Imagens 09 e 10. Cartografia Afetiva. Na esquerda, criança do CMEI com o cabelo trançado. Na direita, eu, criança, muito feliz, com meu cabelo trançado.



Fonte: da autora.

A constituição positiva da autoestima precisa ser incentivada desde a infância, para que posteriormente, essas crianças não precisem fazer as pazes com o espelho. Se as crianças são autoafirmadas, elas se veem reconhecidas positivamente, de forma afetuosa.

Corroborando com bell hooks (2024, p. 166), compreendo que práticas afetuosas vão em direção à constituição de uma autoestima potente, uma vez que “a arte e a prática do amor começam com a nossa capacidade de nos reconhecermos, de nos afirmarmos”. Portanto, a autoafirmação das características raciais em crianças negras revela-se necessária para fomentar a afetividade entre esses corpos (Imagens 11 e 12).

Imagens 11 e 12. Cartografia Afetiva. Na esquerda, eu me despedindo das crianças no CMEI. Na direita, eu, criança com o cabelo trançado, no colo de minha mãe, com o cabelo alisado.



Fonte: da autora.

3 Livros infantis: Um comparativo entre as décadas de 1990 e a atualidade

Ao discorrermos sobre a constituição da autoestima de crianças negras, inicialmente é importante analisar quais as referências imagéticas que essas crianças têm acesso, principalmente nos livros infantis.

O livro “Menina bonita do laço de fita” (2011), com texto de Ana Maria Machado e ilustrações de Claudius, foi um marco para muitas crianças negras, principalmente meninas. Até o lançamento do livro, em 1996, havia poucos livros ou desenhos animados infantis que tratassem abertamente sobre a temática racial em tom afirmativo e direcionado para crianças negras.

Assim, o livro (Imagem 13) rapidamente se popularizou, sendo amplamente utilizado em escolas e espaços educativos infantis. Entretanto, enquanto educadoras/es é importante analisarmos o discurso imagético e textual dessa produção.

Imagem 13. Capa do livro “Menina bonita do laço de fita”, mostrando o coelho fascinado pela menina.



Fonte: Acervo online –Lendo com Tia Tati.²

O livro conta a história de um coelho branco, admirado pela cor da pele de uma menina preta. No decorrer da história, ele repete a pergunta “Menina

² Blog: Lendo com Tia Tati. Disponível em: <https://lendocomatitati.art.blog/2020/07/02/menina-bonita-do-laco-de-fita-pdf/>. Acesso em 14 de set. 2025

bonita do laço de fita, qual é seu segredo para ser tão pretinha?”. A menina, ainda criança e sem muitos referenciais de ancestralidade, ao responder o coelho, inventa que a cor de sua pele se deu por ela cair em tinta preta quando era pequena, por ter tomado muito café ou por ter comido muita jabuticaba.

O coelho, fascinado pela cor de pele da menina, tenta repetir os supostos motivos que a levaram a ter tal cor de pele, entretanto, se frustra por falhar e nunca conseguir. O coelho vai novamente até a casa da garota e lá encontra a mãe (Imagem 14), descrita pela autora como uma “mulata linda e risonha” (Machado, 2011, p. 15). A mãe finalmente conta a verdade ao coelho — a cor da pele da menina por conta das “Artes de uma avó preta que ela tinha” (Machado, 2011, p. 15).

Imagem 14. Respectivamente, páginas 14 e 15 do livro, mostrando a menina no colo da mãe, que segura a foto da avó retinta.



Fonte: Acervo online –Lendo com Tia Tati³.

Com essa descoberta, o coelho percebe que não seria possível ser preto, já que toda a sua linhagem era de coelhos brancos, porém, poderia ter filhotes

³ Blog: Lendo com Tia Tati. Disponível em: <https://lendocomatiatati.art.blog/2020/07/02/menina-bonita-do-laco-de-fita-pdf/>. Acesso em 14 de set. 2025

pretos, bastava “procurar uma coelha preta para se casar” (Machado, 2011, p. 16). Logo ele encontra a tal coelha preta, se casam e nascem vários filhotes de várias cores diferentes, inclusive a tão sonhada coelha pretinha, que se torna afilhada da menina preta.

Devido a sua popularidade, é indiscutível a importância desse livro para a constituição da autoestima de crianças negras das gerações entre os anos 1996-2010. O livro abriu os caminhos para que crianças negras, principalmente meninas, se sentissem representadas/os nos livros infantis, num cenário em que as principais histórias eram sobre personagens brancos. Por outro lado, é possível reconhecer a importância deste livro sem ignorar nele a perpetuação de um discurso racista.

O primeiro e mais notável ponto a se observar é aquele que constrói a história — o fascínio do coelho sobre a cor de pele da menina preta. Esse fascínio se reafirma numa relação de propriedade, não de admiração.

O coelho é tão fascinado pela cor da pele preta que deseja tomar para si, a todo custo. Como não consegue, casa-se com uma coelha pretinha, daí surgem os filhos mestiços e a tão desejada filhota preta. O fascínio do coelho é muito semelhante ao comportamento de pessoas brancas que, ao admirarem alguns elementos culturais e fenotípicos de pessoas negras, não se contentam apenas em apreciar, desejam possuí-los, apropriando-se de elementos inerentes à ancestralidade dessas pessoas.

Outro aspecto relevante para a análise de livros infantis são as ilustrações, pois elas têm grandiosa importância, uma vez que compõem a história em conjunto com a narrativa textual. Assim como em qualquer discurso, as ilustrações também não são neutras, elas são uma forma de comunicar à criança leitora a mensagem que a história deseja transmitir. Ademais, as ilustrações são um produto, fruto da visão que autoras/es e ilustradoras/es enxergam socialmente.

Embora bem-intencionados em produzir um livro que tratasse adequadamente das diferenças raciais, é importante enfatizar que o livro “Menina bonita do laço de fita”, foi escrito, ilustrado e editado por pessoas brancas.

Ao analisar as ilustrações, é possível perceber como a mãe da menina, “uma mulata linda e risonha” (Machado, 2011, p.15), é descrita na história. Nas discussões raciais da atualidade, entende-se que “mulata” é um termo racista, visto que é uma “palavra originalmente usada para definir o cruzamento entre um cavalo e uma mula, isto é, entre duas espécies animais diferentes, que dá origem a um terceiro animal, considerado impuro e inferior” (Kilomba, 2019, p. 19).

Segundo Grada Kilomba (2019), são termos advindos de herança colonial da língua portuguesa, quando eram romanticamente utilizados para inferiorizar pessoas negras na condição de animais — assim como no trecho citado, a mãe da menina é uma “mulata” linda e risonha: “Esta romantização é uma forma comum da narrativa colonial, que transforma as relações de poder e abuso sexual, muitas vezes praticadas contra a mulher negra, em gloriosas conquistas sexuais, que resultam num novo corpo exótico, e ainda mais desejável” (Kilomba, 2019, p. 19).

Isso é confirmado quando se analisa a construção imagética da ilustração da mãe “mulata” — uma mulher negra de pele mais clara (reforçando o fruto de uma união inter-racial), com o decote à mostra e um corpo voluptuoso (ênfatizando o estereótipo racial sexualizado atribuído às mulheres negras), maquiada e com diversos adereços.

De acordo com Pedersen e Tortella (2018, p. 108), na publicação “Onde estão os coelhos pretos no livro “A menina bonita do laço de fita” [...] “O artista coloca em seus desenhos o que ele vê. Procuramos por livros com mulheres brancas, mães com seus filhos, em livros infantojuvenis, que se vestissem de forma sensual e não encontramos”.

Nessa direção, o texto aponta para a ausência do pai na história e enfatiza o cuidado atribuído somente para as mães negras: “Seria ainda interessante, se o pai da menina aparecesse no livro, dividindo as tarefas com a mãe, cuidando da filha. Se o pai fosse também preto, um homem bem-sucedido, jovem e bonito” (Pedersen; Tortella, 2018, p. 109).

Outro detalhe a ser observado nas ilustrações é o tom ou os tons de pele da menina. No decorrer da história a menina é apresentada com diversos tons de marrom, mostrando um grande descuido do ilustrador ao retratar a pele negra

retinta/preta. No começo do livro, na página 2 (Imagem 15), ela é ilustrada com uma tonalidade de marrom mais claro. Já na página 12 (Imagem 16), ela aparece ilustrada com uma tonalidade de marrom muito mais escura.

Imagem 15 (esquerda) e Imagem 16 (direita). Respectivamente, páginas 2 e 12 do livro, mostrando a menina ilustrada com dois tons de pele discrepantes.



Fonte: Acervo online – Lendo com Tia Tati.⁴

Na época em que foi lançado, esse livro se destacou como um marco no cenário da Educação Infantil, que estava sedento por abordagens mais acolhedoras em termos de raça e gênero. Naquele período, chamou a atenção por enaltecer com uma linguagem divertida os traços de crianças negras, que antes tinham poucos referenciais imagéticos positivos.

Embora ele tenha aberto possibilidades de engrandecimento da autoestima de crianças negras, essas possibilidades não pararam por aí. A partir dos anos 2000, as discussões de ensino da pluralidade étnico racial brasileira avançam, com perspectivas e narrativas mais respeitosas com os corpos racializados.

A implementação da Lei nº 10.639/2003 (Brasil, 2003) — que alterou a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), tornando obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nos currículos escolares de Ensino Fundamental e Médio,

⁴ Blog: Lendo com Tia Tati. Disponível em: <https://lendocomatiatati.art.blog/2020/07/02/menina-bonita-do-laco-de-fita-pdf/>. Acesso em 14 de set. 2025

foi um marco para que educadoras/es tenham o respaldo e a obrigação de trabalhar em sala de aula a cultura afro-brasileira e posteriormente a cultura indígena, com a lei 11.645/2008 (Brasil, 2008).

Com a ampliação do debate sobre raça (direcionado também para pessoas brancas) e o acesso de pessoas negras às profissões ligadas ao universo da escrita e ilustração de livros infantis, surgem outras histórias. Hoje, temos inúmeros livros infantis com linguagem e ilustrações mais respeitadas com as crianças negras, seus traços e tons de pele.

Livros como “Tóim”, escrito e ilustrado por Tamires Lima (2022) e “Neguinha sim”, escrito por Renato Gama (2023) e ilustrado por Bárbara Quintino, mostram a pluralidade de tons de pele, e principalmente, o cuidado com os cabelos crespos e cacheados.

Imagem 17 (esquerda) e Imagem 18 (direita). Respectivamente, correspondem às páginas 8 e 9 do livro “Neguinha sim”. A ilustração mostra a protagonista em seu aniversário.



Fonte: Divulgação. Site da editora.⁵

No livro “Neguinha, sim!” (2023), o primeiro ponto a se observar é a ilustração, que representa respeitosamente a pluralidade nos tons de pele preta

⁵ Divulgação da editora Companhia das Letras. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9786554850193/neginha-sim>. Acesso em 14 de set. de 2025.

e parda. As ilustrações também retratam a diversidade existente nos cabelos crespos e cacheados, sejam nas texturas, cores ou penteados.

Nas páginas 8 e 9 (Imagens 17 e 18), as ilustrações mostram a personagem principal, uma menina de pele preta, completando 8 anos, rodeada de pessoas que celebram sua festa de aniversário num momento de alegria coletiva. Sobretudo, o livro gira em torno de momentos de alegria, felicidade e elevação da autoestima da criança. O texto do livro é feito a partir de um poema, que pode ser musicalizado com as crianças, com instruções de acesso a uma música já gravada.

Em “Tóim” (Lima, 2022), a autora conta a história de Lu, uma menina negra de pele retinta, que tinha um cabelo chamado Tóim, que era grande e muito volumoso. Brincando com algumas amigas, Lu ouve comentários preconceituosos sobre Tóim e começa a chorar. Assim, Lu passou a usar cremes e xampus para diminuir o volume de Tóim.

Num dado momento de frustração, Lu diz que Tóim é ruim, ele se chateia e foge de Lu, que se desespera ao ficar careca. Desesperada, Lu recorre à avó Flor, que conhecia e sabia lidar muito bem com Tóim. A avó é apresentada na história uma senhora aprendeu maravilhosos penteados em Moçambique, quando morou em África.

Um ponto interessante nas ilustrações é que elas não são feitas apenas com desenhos típicos em tinta ou caneta, são utilizados materiais como miçangas, tecido, recortes e laços que, juntos, formam as personagens. Desse modo, a ilustração permite que sejam “colocados” elementos que se somam à figura da menina.

Assim, a história continua com a avó colocando “cócós” (pequenos coques) em Lu (Imagem 19). Esses cocós são enfeitados com laços, e quando Tóim vê a menina com um penteado bonito, fica com vontade de ser enfeitado também. A história finaliza com Tóim voltando a ficar juntinho de Lu, que sente saudades do cabelo e aprende a amá-lo como um amigo inseparável (Imagem 20).

Imagem 19 (esquerda) e Imagem 20 (direita). Na esquerda, A avó de Lu coloca nela seus “cocós”. Na direita, Lu reencontra Tóim.



Fonte: site do livro digital.⁶

Um detalhe interessante é a atenção da autora em inserir no final do livro um conteúdo educativo direcionado para educadoras/es e responsáveis. A parte educativa conta com instruções sobre como cuidar de cabelos cacheados/crespos e diversas atividades para as crianças, que podem ser executadas dentro ou fora do ambiente escolar.

Seguindo por esse caminho de buscar histórias contadas pela perspectiva de pessoas negras, vamos ao encontro do conceito de descolonização, afirmado por Grada Kilomba (2019, p. 224) como um “desfazer do colonialismo. Politicamente, o termo descreve a conquista da autonomia por parte daquelas/es que foram colonizadas/os e, portanto, envolve a realização da independência e da autonomia”. Em suma, a autora trata sobre conhecer nossas próprias histórias, deixando de lado a perspectiva do colonizador, retomando a perspectiva para nossos próprios olhos.

Descentralizar a narrativa dos grupos hegemônicos é nos colocarmos como protagonistas de nossas histórias — reposicionar a discussão em nossos

⁶ Site do livro “Tóim”, com livro digital. Disponível em: <https://toimcadevoce.com.br/wp-content/themes/toim/assets/download/T%C3%B3im2022.pdf>. Acesso em 14 de set. de 2025.

territórios, conhecer nossas memórias ancestrais, voltar o que é nosso para nós. Essa perspectiva de descentralização da narrativa hegemônica colonial também se estende às discussões levantadas sobre as práticas educacionais no ensino da Arte, para que os caminhos sejam pavimentados de forma mais respeitosa com as gerações futuras. Assim, ao conhecer, preservar, cultivar e viver nossa ancestralidade, é possível viver em paz com nossas próprias histórias, contadas através do afeto.

Para que as crianças tenham acesso a essas histórias, é de suma importância que as/os profissionais da educação questionem o sistema hegemônico (hooks, 2023) e sejam devidamente atualizadas/os com ações formativas de cunho antirracista e decolonial, promovidas pelas instituições governamentais e acolhidas pelas escolas. Tais ações formativas são imprescindíveis para que profissionais da educação tenham uma educação que endosse o acolhimento e respeito a todas as infâncias, sabendo como tratar as diferenças raciais.

Além das ações formativas, também é importante que profissionais da educação se abram a estarem em constante atualização de seus próprios referenciais. A mudança da perspectiva começa entre educadores/as e pedagogas/os, para não sustentar o ensino em práticas e histórias coloniais, notando que a narrativa colonial eurocêntrica/estadunidense não se encaixa na diversidade territorial, étnica e social das salas de atividades das crianças brasileiras.

4 Considerações finais

A abertura do espaço para abordar questões étnico raciais na Educação Básica foi, sobretudo, estabelecida através da reivindicação de movimentos sociais favoráveis à igualdade racial, tendo como resultado a conquista da implementação de leis como a 10.639/03 (Brasil, 2003) e a 11.645/08 (Brasil, 2008), por exemplo. Portanto, agora que o espaço está aberto, não cabe a acomodação com discursos antigos que, embora pareçam inclusivos, estão centrados na narrativa colonial. Cabe preencher este espaço com discursos

mais respeitosos, afetivos e, principalmente, que sejam escritos através de nossas próprias narrativas.

Livros como “Tóim” (Lima, 2022) e “Neguinha, sim!” (Gama, 2023) contam suas histórias com a narrativa centralizada no olhar de crianças negras, contrariando “Menina bonita do laço de fita” (Machado, 2011), uma história que permeia em torno da perspectiva do coelho (um personagem propositalmente branco) e seu fascínio pela cor da pele da menina negra.

Compreendemos que a partir desse livro os caminhos foram abertos para que crianças negras, que antes sequer tinham histórias para fabular a construção de suas autoestimas, se sentissem representadas. Entretanto, é importante que agora, com os caminhos já abertos e o surgimento de novas produções literárias infantis, possamos repensar a reprodução do discurso racista escondido, por exemplo, como aquele que está na sutil curiosidade de um coelho branco e em suas nem tão inocentes tentativas de corporificar a uma ancestralidade que não lhe pertence.

Repensar, neste caso, não implica em apagar a importância de “Menina bonita do laço de fita” (Machado, 2011), mas em substituí-la hoje por outras produções literárias, principalmente aquelas escritas e ilustradas por pessoas negras, como os outros livros aqui citados.

Os livros de histórias infantis são uma das diversas formas de materializar as práticas afirmativas e inclusivas na Educação Infantil, viabilizando uma educação antirracista e que reforce a pluralidade étnico racial — onde crianças racializadas não passem pela violência racial e crianças brancas não perpetuem o racismo.

Durante a infância, as crianças têm contato com seus primeiros referenciais imagéticos, então, que estes referenciais sejam construídos respeitosamente, incentivando o autoconhecimento e favorecendo a autoestima de crianças racializadas.

A Cartografia Afetiva (Góes, 2024), realizada no estágio e, apresentada no início deste trabalho, é a constatação de que o afeto é primordial para que crianças se sintam livres para formarem e expressarem suas identidades, em seus plurais atravessamentos e individualidades.

É possível curar estigmas raciais através de práticas afetivas e afirmativas, zelando para que as violências raciais do passado (hooks, 2023) não façam mais território nas preciosas infâncias do presente e do futuro

Referências

BRASIL. **Lei nº 10.639, 9 de janeiro de 2003**. Inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Presidência da República: Casa Civil. Brasília, 9 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 15 ago. 2025.

_____. **Lei nº 11.645, 10 de março de 2008**. Inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Presidência da República: Casa Civil. Brasília, 10 mar. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 15 ago. 2025.

GAMA, Renato. **Neguinha, Sim!**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023.

GÓES, Margarete Sacht. Cartografias afetivas: enfrentamentos para tornar-se professor/a da/na Educação Infantil. In: GÓES, Margarete Sacht (Org.). **(Inter) conexões da arte contemporânea com crianças e formação de professoras/es**. Vitória, ES: ProEx-Ufes, 2024. p. 350–370. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/items/f38fe50c-d1e5-4113-9488-23be954794a9>. Acesso em: 26 jun. 2025.

hooks, bell. **Irmãs do iname**. 1. ed. Rio de Janeiro: WWF Brasil, 2023.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**. 1. ed. Rio de Janeiro: WWF, 2024.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2008.

LIMA, Tamires. **Tóim, cadê você?**. 2. ed. Salvador: Governo da Bahia, 2022. Disponível em: <https://toimcadevoce.com.br/wp-content/themes/toim/assets/download/T%C3%B3im2022.pdf>. Acesso em: 9 set. 2025.

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do Laço de Fita**. 9. ed. São Paulo:

Ática, 2011. Disponível em: Disponível em:
<https://lendocomatatiati.art.blog/2020/07/02/menina-bonita-do-laco-de-fita-pdf/>.
Acesso em 14 de set. 2025

PEDERSEN, S. A.; TORTELLA, J. C. B. Onde estão os coelhos pretos no livro “A menina bonita do laço de fita”? **Revista Diálogos (Rev Dia)**, “Edição comemorativa pelo Qualis B2”, v. 6, n. 2, mai.-ago., 2018. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/6601>. Acesso em: 01 de set. de 2025.